

Mais restrições ao crédito nos EUA?

O relatório do Departamento de Comércio dizendo que o produto nacional bruto norte-americano cresceu 5,7% no segundo trimestre, contra 9,7% no primeiro trimestre, trouxe preocupação dos meios empresariais.

O presidente Ronald Reagan disse que estas são "notícias muito boas". O secretário do Tesouro, Donald Regan, apoiou o presidente, dizendo "fora de Wall Street, estas deverão ser boas notícias para a maior parte das pessoas".

Mas em Wall Street, o clima é de apreensão. Richard Debs, presidente da Morgan Stanley International e ex-funcionário do Banco da Reserva Federal de Nova York, comentou: "A Reserva Federal achou que estava sendo severa, mas eu imagino que não muito".

E isso provavelmente por temer as consequências do aumento dos juros sobre a crise da dívida internacional. Existem temores de que a Argentina não pagará os juros que vencem no final deste mês.

Apesar da cautela da Reserva Federal, a crescente demanda de crédito forçou o aumento das taxas de juros. James O'Leary, consultor econômico do The United States Trust Co., adverte que existe "uma

mistura explosiva de demanda de crédito privado com enormes e contínuas tomadas de empréstimos por parte do Tesouro norte-americano".

O vigoroso crescimento da dívida privada e pública também alimentou o rápido aumento da produção e do emprego.

Antes de o Departamento de Comércio ter liberado o seu mais recente relatório a respeito do rápido crescimento do PNB, a Reserva Federal já tinha liberado cifras mostrando um tremendo aumento do crédito: no primeiro trimestre, instituições não-financeiras privadas aumentaram em 12,3%. A rápida expansão do crédito e o cresci-

mento econômico fortaleceram as expectativas de que a Reserva Federal deverá adotar uma política mais restritiva, apesar das "grandes incertezas quanto ao sistema monetário doméstico e internacional e da eleição presidencial", em novembro.

Mas medidas de contenção do crédito não deverão ser muito fortes, porque os números divulgados pelo Departamento de Comércio indicam que a inflação está diminuindo. Os preços aumentam 2,8% neste trimestre, contra 3,9% no trimestre passado.

**De um artigo de
Leonard Silk, do N.Y. Times.**